

## **Escritos de Mary Dascomb: uma leitura de si, uma leitura da História**

JAMILLY NICACIO NICOLETE\*

ARILDA INES MIRANDA RIBEIRO\*\*

### **Resumo:**

A presença de educadoras de diferentes nacionalidades no Brasil oitocentista contribuiu para a Educação e a necessidade de um repensar sobre o lugar da mulher na sociedade. Mary Dascomb era missionária, educadora e participava ativamente da vida pública da igreja presbiteriana e da Escola Americana de Curitiba, instituições que representava através do ensino escolar e eclesiástico. Estudar sua vida é resignificar a história das mulheres, em especial, das que permaneceram inuptas. À partir da perspectiva da História Cultural, dos estudos de Gênero e da análise de suas cartas, que revelam sua vida pública e pessoal, apresentamos este artigo.

Este trabalho tem como foco a trajetória de Mary Parker Dascomb, nascida em 30 de junho de 1842, em Providence, Rhode Island, nos Estados Unidos. Mulher, branca, solteira, sem filhos, missionária, gestora e educadora norte-americana. Passou a sua infância e mocidade em Oberlin, Ohio. Dascomb foi a primeira missionária educadora enviada ao Brasil pela Junta de Missões Estrangeiras de Nova York.

Mary Dascomb formou-se no *Oberlin College*<sup>1</sup>, instituição onde seus pais lecionavam, em Ohio, no ano de 1860 e recebeu o grau honorário de Mestre em Artes em 1878. Veio para

---

\* Doutoranda em Educação na Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP/ Presidente Prudente, Bolsista FAPESP.

\*\* Professora Titular do Departamento de Educação e do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho/ UNESP – Presidente Prudente. Coordenadora do GPECUMA (Grupo de Pesquisa sobre Educação, Cultura, Memória e Arte) e do NUDISE (Núcleo de Diversidade Sexual na Educação).

<sup>1</sup> Fundado pelo Reverendo John J. Shipherd em 1833, no nordeste de Ohio, a Colônia e Escola de Oberlin teve como objetivo inicial preparar professores e missionários para trabalharem no então desolado Oeste americano. Adotando como inspiração primeira o pietismo, apesar de seu conservadorismo, o Oberlin tomou algumas medidas progressistas para a época, como a luta contra a escravidão, a admissão de alunos negros e a co-educação, sendo a primeira instituição da América a conferir o grau de Bacharel a mulheres. Outras de suas práticas educacionais inovadoras para a época foram: a educação integral, que envolve o físico, o mental e o espiritual; reforma nos hábitos de saúde, sobretudo no que diz respeito à alimentação, incluindo a dieta vegetariana; currículo centrado na Bíblia com forte crítica aos autores clássicos; instituições educacionais localizadas na zona rural e preocupação com as demais reformas sociais. O *Oberlin College* foi a referência principal para a constituição da filosofia educacional Adventista. Disponível em: [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb\\_c\\_oberlin\\_college.htm](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c_oberlin_college.htm)

o Brasil em 1866 como professora dos filhos de James Monroe, que era presbiteriano, cônsul americano no Rio de Janeiro e havia sido professor em Oberlin, voltando para seu país após dois anos e meio de trabalho, em meados de 1868. Segundo o *The Foreign Missionary*, de outubro de 1869, Miss Mary Dascomb retornou definitivamente ao Brasil, no dia 1º de setembro deste mesmo ano, dessa vez para trabalhar como missionária assistente do Conselho de Administração, assumindo o comando de uma escola (*The Foreign Missionary*, 1869-70, p. 118). Por já ter estado no Brasil anteriormente, o jornal menciona que “Senhorita Dascomb tinha algum conhecimento da língua”, do ensino, e era qualificada. Iniciou seu trabalho no Rio de Janeiro, na escola para meninos e meninas anexa à igreja, e depois, foi para Brotas, Rio Claro, cidades do interior de São Paulo e viveu a maior parte de sua vida em Curitiba, Paraná. Miss Mary Dascomb, além de educadora, tinha outras habilidades: era organista da igreja e ainda, regente do coral da Igreja Presbiteriana de São Paulo, formado em 1887. Morreu em Curitiba, aos 75 anos, 11 de outubro de 1917, após 48 anos de trabalhos ininterruptos, dedicados à educação brasileira, em especial, à educação inaugurada nas Escolas Americanas estabelecidas em diversas regiões do país. (FIGUEIREDO, 2004)

A principal fonte documental estudada, são cartas escritas por Mary Dascomb, ao também educador e diretor do Mackenzie, Horace Lane. A intimidade que essa documentação contém, possibilita uma ressignificação das representações sobre diversos acontecimentos do período estudado. As missivas, muitas vezes, falam mais que documentos oficiais, pois trazem embutido o descomprometimento com a esfera pública. As cartas escritas por Mary Dascomb foram encontradas nos Anais do Museu Paulista, na capital de São Paulo e estão divididas em dois períodos, o primeiro é mais longo, vai de 1886 a 1907 e contém 90 cartas, o segundo, de 1908 a 1912, apresenta 103 cartas. Os documentos estavam em inglês e a medida em que esta pesquisa avançava foram traduzidos para o português.

Nos documentos estudados, Dascomb relata o trabalho na escola, as atividades da igreja, sua rotina pessoal, cita diversos personagens da história da Igreja Presbiteriana do Brasil, fala de acontecimentos políticos, das transformações econômicas, sociais, escreve sobre suas leituras, fala de seus (des) contentamentos, viagens, as práticas escolares, chegadas

---

e partidas dos professores, da dificuldade em contratá-los, sua gestão, do trabalho realizado pela escola, os alunos, e muitos outros temas.

A utilização do gênero biográfico e autobiográfico tem crescido, certamente estimulado pelos novos aportes teórico-metodológicos experimentados pela história. Essa nova história exigiu a renovação das fontes, forçando o alargamento da documentação que vai encontrar em arquivos privados, correspondências, diários, memórias, etc., fontes preciosas para um mergulho na vida do indivíduo, o que resultou em uma nova reflexão do individualismo no âmbito do trabalho historiográfico. A reconstrução de uma história pessoal hoje, sustenta-se em uma metodologia explicitada, onde seu objetivo fundamental é levar à compreensão da época, permitindo perceber a realidade dos problemas sociais através do concreto de uma vida.

Neste sentido, Mônica Bolufer (2014) aponta a importância da biografia para a história das mulheres, como uma forma de dar a conhecer as vidas e experiências femininas. Ao referir-se a biografia, a autora não defende a escrita de um relato completo, cronológico e exaustivo de uma vida. Mas através de enfoques que se interessam por reconstruir histórias de vidas individuais como recurso para abordar temas e problemas históricos, reconhecendo a esta perspectiva certas virtudes específicas.

### **Imagens de Si**

Em suas missivas, Mary deixa pistas de quem ela seria e de fala de seus amigos, família e de certa forma cria uma ilusão biográfica ao apresentar sua memória. Em diversas cartas Mary fala de suas habilidades, curiosidades, seu engajamento e sua devoção por seu país e sua instituição de origem, bem como por Lane, com quem se correspondia.

Na carta de 4 de Setembro de 1899, Mary fala de seu retorno ao Brasil e da certeza de ter tomado uma decisão acertada: Todo aquele ano eu fui falando sobre o Brasil e nem sequer a minha irmã sabia as “tramas” que estavam acontecendo. Graças a Deus, eu fui enviada de volta, e não tenho nenhum átomo de amargura sobre o assunto. (GOLDMAN, 1961, p. 265)

O estudo de cartas como fonte de pesquisa, revela os interesses e necessidades que povoam as tramas de vida das pessoas envolvidas, bem como a rede de comunicação que se estabelece nas dinâmicas sociais. A correspondência privada dá a conhecer as operações

comuns da vida cotidiana, mesmo que a produção e circulação de cartas transitem num campo familiar mais restrito. No Brasil, a utilização de correspondências como aparato documental para a pesquisa ainda é muito recente. O uso dessas fontes documentais também se deve às inovações teórico metodológicas que possibilitaram novos aportes para produção do conhecimento histórico.

Segundo Malatian (2009), uma nova perspectiva historiográfica levou ao florescimento da narrativa, à revalorização do indivíduo, da vida privada e dos estudos sobre cultura, abrindo um espaço importante para os escritos biográficos e autobiográficos. Para a autora, uma menor ênfase na história quantitativa e serial e nos grandes modelos explicativos e o “retorno” do político juntamente com a curta duração do evento singular possibilitaram essa mudança.

O crescimento do gênero autobiográfico remonta ao século XIX, quando preenchia funções definidas como educação do eu, ou interiorização de normas de convivência em determinados meios sociais, além de satisfazer a busca de intimidade e privacidade que acompanhou a implantação da ordem burguesa no Ocidente. Refletir e falar sobre si tornou-se comum; enviar os resultados a terceiros deu origem a uma cultura epistolar específica, codificada e submetida a regras de etiqueta.

Na carta de 18 de Maio de 1901, a missionária se mostra uma grande amiga e tenta confortar Horace Lane pela perda de sua esposa:

*Eu sei o que é sentir-se totalmente triste em seu coração quando alguém que eu amo com todo o meu coração é tirado de mim, seja isto de repente ou lentamente. Mas esse sentimento nunca dura. A certeza dessa mudança para todos nós, diariamente em minha lembrança, é uma espécie de preparação. Mas o que mais me conforta é esquecer minha perda em seu ganho. (GOLDMAN, 1961, p. 273)*

Em outra missiva, vemos o que Mary fez questão de registrar muitas vezes em seus escritos o quanto gostava de ler, o quanto se alegrava ao receber um livro. Na carta de 12 de Julho de 1901, ela garante já ter lido o belo livro que recebeu dois dias antes: “Será que “meus olhos enganam os meus ouvidos”! É na verdade a letra de Dr. Lane, no endereço do belo livro que me veio na quarta? Eu já o li! Nada foi deixado de lado”. (GOLDMAN, 1961, p. 274)

Dascomb diz em 6 de agosto de 1901:



*Devo confessar-me pronta para colocar o pé no freio, a qualquer momento que meu cérebro começar a reclamar. Eu não acho que trabalho, trabalho simples, deva ser tão temido, mas vocês carregam pesadas responsabilidades - muitas vezes tem de confiar a execução de seus planos a uma ajuda ineficiente. Aqui é onde os "consolos da religião" vem. Quando eu faço o meu melhor, eu tenho um sentimento tão confortável que Deus abençoará e concluirá o trabalho. Eu quero os melhores resultados possíveis, mas eu sei que é inútil esperar a perfeição. "Pouco a pouco se vai ao longe". (Em português). No entanto, seu trabalho à frente da Escola Americana de Curitiba durou mais dezesseis anos. (GOLDMAN, 1961, p. 275)*

Em 25 de março de 1912:

*Vou (Com licença!) Vou (Com licença!) surpreendê-las em breve com a minha teoria de que a falta de educação é tão ruim em um estudante como em qualquer outra moça, e que a honra em manter regras é tão exigida quanto o cumprimento das leis do país. Eu mal tinha 18 anos quando eu terminei a escola, e era tão feliz e despreocupada, e livre como o ar, exceto para as regras sensatas da faculdade e a gentil autoridade de minha mãe. Eu nunca voluntariamente quebrei uma regra, e quando, por culpa do meu acompanhante estava na rua depois do horário permitido eu ficava imensamente envergonhada. (GOLDMAN, 1961, p. 349)*

E em 17 de junho de 1912, ela reclama da rápida passagem da maioria dos estrangeiros que participavam da missão, diferente do que aconteceu com ela: "Nossas professoras brasileiras estão se casando tão rápido que precisamos de professores permanentes. Nenhum dos nossos americanos tendem a ser permanentes." (GOLDMAN, 1961, p. 355)

### **Mary e sua sociabilidade**

Na carta de 17 de agosto de 1903, a educadora relata: "Os navios a vapor, o almanaque, o clima, o sol, estão todos loucos! Sua carta datada do dia 7, chegou esta manhã - 10 dias de viagem!" Em 30 de Abril de 1904, "sua carta do dia 21 chegou às minhas mãos esta manhã! Ela deveria ter vindo na 1ª viagem do Guasca, mas deve ter vindo na segunda viagem, e mesmo assim, ficou 3 dias subindo a Serra!" Já em 30 de Janeiro de 1905, sua carta enviada no dia 28 chegou no dia 29, a carta de Addie Lenington ao seu marido enviada no dia 12 chegou junto com a sua. Os vapores não estão funcionando bem". (GOLDMAN, 1961, p. 289, 295, 304) O envio e recebimento de notícias, com frequência e regularidade, constituíram-se em dimensão da vida cotidiana.

Conforme Perrot (1991), a adoção de códigos de sociabilidade que implicavam o controle de si ocorreu desde a primeira metade do século XIX, acompanhando a construção da dimensão privada da vida burguesa. Assim como diários e autobiografias, as cartas expressavam a vida privada segundo regras de boas maneiras e de apresentação de si, numa imagem pessoal codificada. O ato de escrever cartas a familiares, amigos ou colegas de profissão reuniu os indivíduos ansiosos por receber notícias dizíveis (doenças, tratamentos de saúde, trabalho, detalhes do cotidiano) e apenas afazer supor as indizíveis (gravidez, problemas conjugais, dúvidas e incertezas religiosas, dinheiro, morte, sexo). Criava e sustentava um desejo de reciprocidade, pois o envio de uma carta trazia implícito ou explicitava um pedido de resposta.

É possível encontrar várias referências nas cartas de Mary Dascomb. Em 28 de Fevereiro de 1901, ela escreve:

*Desta vez eu quero enviar um envelope tão grande que - por assim dizer - você não poderá colocá-lo no arquivo, mas terá que apoiá-lo em algum lugar na parede, onde você possa vê-lo todos os dias e respondê-lo logo para se livrar dele. Mas seria possível perdoar o tardar em responder a carta ao considerado doador das duas fotos mais bem-vindas e especialmente ao magnífico trabalho que está fazendo essas maravilhas para o Mackenzie. (GOLDMAN, 1961, p. 272)*

Mary Dascomb, em uma carta não datada, agradece pela correspondência recebida: “Muitos agradecimentos pela carta e o belo Memorial”. (GOLDMAN, 1961, p. 276)

Em 30 de Setembro de 1902, “Quão surpresa e encantada eu fiquei, ao encontrar sua "volumosa" correspondência esta manhã um envelope de 120 M. Street. E quando eu li a carta eu fiquei mais surpresa do que nunca que você teve tempo para escrevê-la em meio a esses acontecimentos fenomenais, atos e audiências”. E em 5 de Junho de 1903, “Que ser benevolente! uma carta prontamente respondida e dois bons novos livros para ler!” (GOLDMAN, 1961)

Segundo Malatian (2009), a indústria da carta desenvolveu-se desde o século XIX com a diversificação dos papéis utilizados, em seus inúmeros tipos, formatos e cores. Não raro, as informações eram acrescidas de fotos, recortes de jornais, flores secas, mechas de cabelos e outros objetos de memorabilia, fragmentos do vivido materializados e ofertados em relicário ao correspondente.

Sobre este tema, também encontramos palavras escritas por Mary Dascomb: 3 de Agosto de 1886, “Veja o resultado de dizer que minhas cartas de Maio eram bem-vindas! O fato é que eu estou ansiosa para experimentar meu novo papel de carta. Embora, não me atreva a usar os envelopes, eles são a metade do tamanho desta folha! Vou guardá-los para as fotos e pacotes de negócio (anúncios, publicidade)”. (GOLDMAN, 1961, p. 263)

Ao ter acesso a esses fragmentos, o historiador espia por uma fresta a vida privada palpitante, dispersa em migalhas de conversas a serem decodificadas em sua dimensão histórica, nas condições socioeconômicas e na cultura de uma época, na qual público e privado se entrelaçam, constituindo a singularidade do indivíduo numa dimensão coletiva. Processo identitário que se define e redefine constantemente e elimina qualquer suposição de coerência e continuidade de atitudes, sentimentos e opiniões.

As cartas expressam dimensões culturais do sujeito, que poderiam ser chamadas de momento biográfico. Cada indivíduo participa de diferentes esquemas de ação e de pensamento que possuem seus modos de tradução simbólica e constituem sistemas referenciais valorizados. Família, vizinhança, cidade, local de trabalho são algumas das pertencas culturais interiorizadas ao longo da história de uma vida. Só que uma existência não transcorre de modo linear contínuo e sim em momentos, nos quais experiências organizam-se no espaço-tempo interior construído pelo sujeito e que individualiza um aspecto de sua vida. Nas cartas, isso acontece de modo especialmente claro, pois é a configuração do momento biográfico que rege o contar da vida por meio da junção de experiências referidas a tempos e contextos sempre heterogêneos. Nas cartas, o domínio da imagem de si é fundamental e a prática epistolar exige, antes de tudo, a credibilidade daquele que recebe a correspondência. Os eventos narrados devem se apresentar como verdadeiros a esse leitor.

## **1.2 Mary Dascomb e a Educação**

A preocupação desde os primeiros tempos do trabalho missionário no Brasil, com a fundação de uma escola ao lado de cada igreja é apontada em muitos estudos<sup>2</sup>, como decorrente da necessidade de alfabetizar o povo devido ao elevado índice de analfabetismo.

---

<sup>2</sup> ALMEIDA, 2007; MESQUIDA, 1994; SILVA, 2010, entre outros.

Certamente que havia a preocupação de alfabetizar, posto que o culto protestante exige o domínio da leitura, mas a criação de escolas paroquiais não se justifica somente pela necessidade de alfabetização. A educação para os presbiterianos era antes uma tradição cultural, do que uma estratégia missionária desenvolvida no Brasil.

Para os missionários norte-americanos, segundo Barbanti, “a escola representava a cunha que abriria caminho para as atividades de proselitismo”. Assim, com a intenção de servir de elemento de penetração e apoio das atividades catequéticas, as igrejas procuravam instalar escolas paroquiais de primeiras letras que, em centros estratégicos, transformavam-se em colégios de nível médio e mesmo em escolas superiores. (Barbanti, 1977, p. 110)

Ferreira transcreve em seu livro, um boletim intitulado *The Brazilian Bulletin*, publicado no ano de 1989, provavelmente escrito por Dascomb, uma vez que o autor(a) do texto, cita o trabalho de Kuhl na drenagem do terreno da instituição, onde procura-se evidenciar os atrativos e diferenciais da Escola de Curitiba. No boletim, fala-se da voz suave e maneiras mansas com que Effie Lenington, uma das educadoras da Escola, dirige-se às crianças; cita o uso de revistas ilustradas e encadernadas nas aulas de geografia; afirma que as salas de aula eram grandes, altas, arejadas e bem iluminadas, enfeitadas com quadros; na escola ainda havia um jardim com várias espécies de flores; além de citar as aulas oferecidas: alemão, francês, português, inglês, matemática, história, geografia. De acordo com o Boletim, depois do jantar, as moças faziam um rápido passeio, ou jogavam bola; e finaliza informando que tanto no inverno quanto no verão acordava-se às seis da manhã, toma-se café e fazia-se ginástica (*The Brazilian Bulletin*, 1898, pág. 116; apud, FERREIRA, 1992, p. 524-526). Corroborando com o discurso sobre educação esperado pelos defensores da modernização do ensino.

Mesquida (1994, p. 49) destaca ainda que “era nesse novo espaço sócio-cultural atraente, sedutor, que se materializavam, pela prática educativa, a história, o modo de vida (o *american way of life*) e a concepção de mundo do país de origem dos missionários”.

As atividades da Escola Americana de Curitiba tiveram início em 25 de fevereiro de 1892, na rua Comendador Araújo, nº 28, próximo ao terreno onde seria construído o templo. O documento de solicitação de abertura da escola foi encontrado no Arquivo Público do Paraná, escrito à mão, de próprio punho.



O Relatório de Instrução Pública do Estado do Paraná de 1894 aponta alguns problemas quanto à infraestrutura das instituições escolares: “Em todas as localidades é sensível a falta de prédios apropriados às escolas, construindo segundo os preceitos da hygiene aliada á esthetica, de maneira que a escola seja para a infancia uma especie de templo que lhe estimule o gosto para o estudo”. Sobre as Mobílias e os Livros Escolares: “As escolas publicas em geral achão-se mal providas de moveis, que ou são insufficientes, ou imprestáveis”. (RELATÓRIO, 1894)

Ferreira afirma que o material utilizado na escola, trazido dos Estados Unidos, contrastava com a precariedade material das escolas da época e contribuía para conferir à Escola Americana de Curitiba uma imagem renovada:

*As paredes cheias de livros fazem-na muito atraente – as enciclopédias e outros livros velhos de nosso país, alguns, porém, são novos, comprados aqui, e outros mandados por amigos generosos de nossa pátria... Esta estante de revistas ilustradas e encadernadas serve muito para as aulas de geografia e para a Sociedade Missionária, como também para divertir e instruir as famílias que se reúnem aos sábados à noite para ensinar os hinos. (The Brazilian Bulletin, 1898, apud FERREIRA, 1992, p. 525)*

O relatório de 1895 ainda traz outras considerações importantes. De acordo com este documento, Miss Dascomb, além de supervisionar a Escola Secundária, lecionava Aritmética, Álgebra, História Sagrada, História Universal, Inglês e Português e ainda se encarregava de traduzir histórias e outras lições para o Português.

A Exposição de 1895, demonstra que a capacidade de Mary, ao lecionar Aritmética, não era uma prerrogativa feminina:

*A falta de preparo prévio por parte das alumnas em Arithmetica e Algebra tem tornado difficil o ensino d'esta materia: por isso resolvemos restringir o nosso curso – aos conhecimentos puramente praticos e de immediata applicação ao Desenho, deixando para o segundo anno lectivo – o estudo propriamente dicto da Geometria. (EXPOSIÇÃO, 1895)*

Além dos cursos acima citados, a Escola Americana de Curitiba também organizou uma Classe Normal, revelando a preocupação com a formação de pessoas que pudessem dar continuidade ao trabalho iniciado. De acordo com os relatórios, era muito difícil a composição

e manutenção do corpo docente nos primeiros anos de funcionamento da escola. (cf ABREU, 2003, Relatório Manuscrito de 1895)

Em carta de 11 de Fevereiro de 1907, Mary diz que “Uma ambiciosa Liga do ensino acaba de se formar e seus chefes desejam estudar o Sistema de Ensino do Tio Sam.” Referindo ao modelo norte-americano de educação. E critica: “O fato de que o cozinheiro principal e o lavador de garrafas, que me enviou uma comissão, não saiba nada sobre nós, pode ser percebido por ele ter se contratado para fazer com os alunos estudem intensamente para as provas do Ginásio e da Escola Normal”. Nas linhas abaixo ela apresenta seu ponto de vista em relação aos exames preparatórios:

*Agora há uma grande onda nessa direção -, não significa um simples desejo de entender um determinado assunto, mas simplesmente para estar preparado como um papagaio – para as perguntas da prova. Dr. Lino está decepcionado com sua atitude em não trabalhar para Equiparação e diz que, com as novas leis, seus exames não serão recebidos, não importa o quão completos eles sejam. (GOLDMAN, 1961, p. 333)*

Sobre o ensino na Escola, ela diz:

*Uma menina minha recentemente passou a ser assessorada e foi declarada atrasada somente em Geografia. Nossos pequenos começam com o Paraná - Então, eles passam a usar o ridículo livro de Howell muitos lugares sem importância para conhecer. – Então, eles passam para um outro livro pequeno e melhor com pequenos mapas, e então eles vem para mim para estudar a geografia política geral, na qual eu lhes dou tudo o que tenho, atualizado, eu só queria que fosse mais.*

As matrículas da escola em 1907 foram comentadas por Dascomb em carta de 15 de janeiro: “Nosso primeiro dia de escola! Eu não sei o número, mas parecia haver uma inundação de pequeninos. (...)Tivemos 133 alunos no segundo dia e eles estão constantemente chegando e continuarão chegando até fevereiro meus alunos são dispostos e dóceis - tudo corre as mil maravilhas.” (GOLDMAN, 1961, p. 326)

Em carta de 4 de setembro de 1899, Mary fala das despesas da escola:

*Nosso “corte” foi apenas por uma extrema necessidade. Esta manhã veio a agradável notícia de que nós receberemos um pouco de dinheiro e isso é muito bom! Ano passado Ella Kuhl deu 1:000\$ do seu salário. Ela frequentemente suplementa. Nossa escola foi cortada (por nós mesmos) este ano em 4:000\$ - uma coisa que nós não podemos fazer, porque o Paraná está totalmente “podre”. (GOLDMAN, 1961, p. 265)*

Ribeiro, ao estudar a educação feminina em Campinas, no século XIX, ressalta que Carolina Florence teve muitas dificuldades para manter o funcionamento de sua instituição. Os problemas eram de toda ordem: falta de docentes capacitados e de alunas que permanecem na escola regularmente durante o ano, a mentalidade da época sobre as questões de Educação feminina, etc. (RIBEIRO, 2006, p. 40)

Em suas cartas, Mary também falava da dificuldade em conseguir bons professores e principalmente, professores permanentes. Fosse pelo clima, condições sanitárias e de saúde, fosse pelos baixos salários e compensações oferecidas. Em uma das poucas cartas sem data, escrita entre os meses de agosto e dezembro de 1901, Dascomb lamenta: “Devemos fazer uma grande mudança no ano que vem já que dois dos nossos melhores professores ficarão fora por um ano para experimentar uma mudança de clima”.

### **Considerações Finais**

Neste artigo, buscamos resignificar a trajetória educacional e de gestão pedagógica de Mary Dascomb, filha de educadores, viveu em um período em que muitos viajantes saíam de seus países de origem para se estabelecerem no Brasil. Foi designada para tal cargo pela missão presbiteriana que destinava para tal trabalho muitas mulheres, em especial, inuptas. Dascomb era mestre em Artes o que lhe aproxima, por dedução, de uma mulher criativa, empreendedora e lhe garante empoderamento para se tornar uma gestora de destaque.

Sua atuação, no comando de uma escola pautava-se em padrões normativos rígidos através de regras e valores morais. No entanto, pelo que se apreende das missivas, foi resiliente, ultrapassando o que a sociedade e instituição lhe impunham. Com sua alegria, graça, dedicação e criticidade, conseguiu burlar, fugir. Talvez soubesse que o casamento lhe aprisionaria num modelo vitoriano conservador e lhe tiraria a liberdade e funções de comando, destinada a pastores e gestoras inuptas.

### **Referências:**

ABREU, G. *Escola Americana de Curitiba (1892-1934): um estudo do americanismo na cultura escolar*. 2003. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2003.

ALMEIDA, J. S. *Ler as Letras: por que educar meninas e mulheres*. Campinas: Autores Associados, 2007.

BOLUFER, Mónica. Multitudes del yo: biografía e historia de las mujeres. *Ayer. Revista de Historia Contemporánea*, 2014, p. 85-116.

EXPOSIÇÃO feita ao EXM. SNR. Secretario d’Estado dos Negocios do Interiro, Justiça e Instrucção Publica pelo Director do conservatório de Bellas-Artes do Paraná, Paulo Ildefonso d’Assumpção, em 22 de agosto de 1895.

FERREIRA, Julio Andrade. *História da Igreja Presbiteriana do Brasil*. São Paulo: Casa Editora Presbiteriana, 1992. v. I

FIGUEIREDO, E. R. Escola Americana de Curitiba (1882-1917). In: *III Congresso Brasileiro de História da Educação*. História e memória da educação brasileira, 2004, Curitiba. História e memória da educação brasileira, 2004.

GOLDMAN, Frank. As Cartas de Miss Mary P. Dascomb ao Dr. Horace Lane (1886-1907/1908-1912). In: *ANAIIS do Museu Paulista*. São Paulo, 1961. T. 15.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da História*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

[BARBANTI] HILSDORF, M. L. S. *Escolas Americanas de confissão protestante na Província de São Paulo, um estudo de suas origens*. 1977. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1977.

MALATIAN, Teresa. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tania R. de. *O Historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2009. p. 195-222.

MESQUIDA, Peri. *Hegemonia norte-americana e Educação Protestante no Brasil*. São Bernardo do Campo/Juiz de Fora: Editeo; UFJF, 1994.

PERROT, Michelle. A vida em família. In: Ariés, P; Duby, G. (org). *História da vida privada*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991, v.4, p. 187.

RELATÓRIO apresentado ao Ex.<sup>mo</sup> SNR. Dr. Francisco Xavier da Silva, Governador do Estado do Parana’, por Caetano Alberto Munhoz, Secretario dos Negocios do Interior, Justiça e Instrucção Publica, em 29 de Setembro de 1894.

RIBEIRO, A. I. M. *A Educação Feminina durante o século XIX: O Colégio de Florence de Campinas 1863-1889*. Campinas: UNICAMP/CMU, 2006.



SILVA, E. M. *Missionárias e Viajantes: protestantes norte-americanas no Brasil (1870-1920)*. Tese de Livre-Docência, Unicamp. 2010.